



Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus – FOCIMP



Nova cartografia social da Amazônia

Igarapé Mu

Povos Indígenas do Município de Lábrea

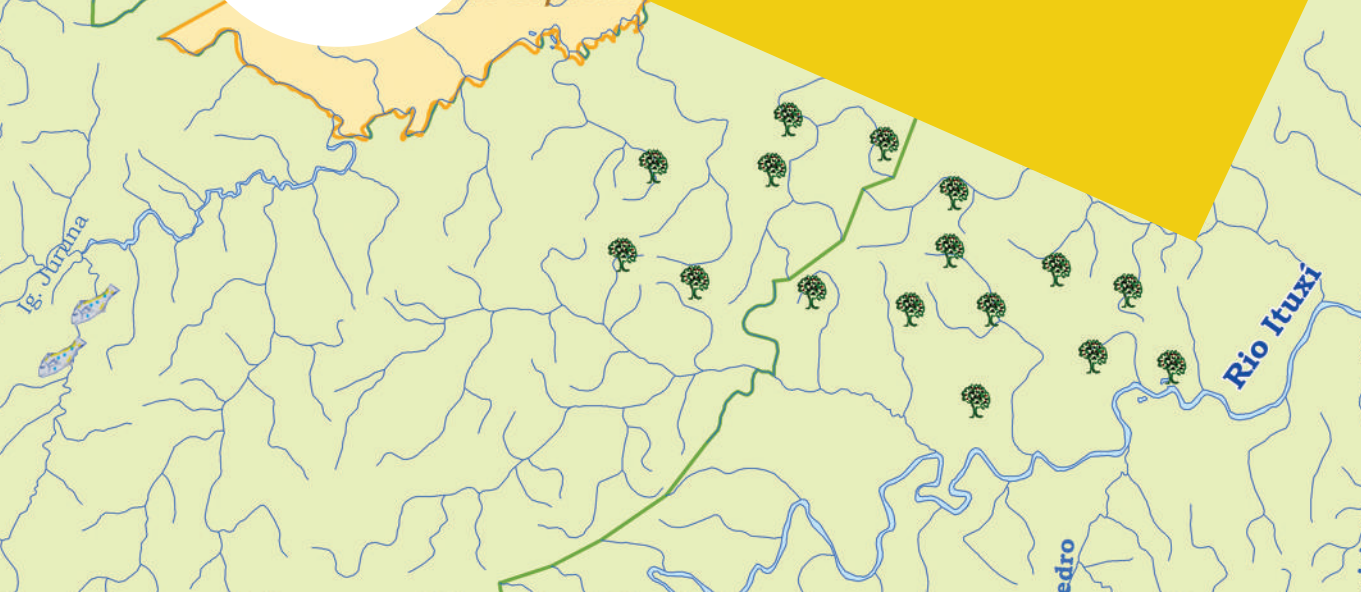
Lutando por nossas terras

43

Amazonas

Cantaal
Caçador, Copaíba e

do Sepatin





Participantes da Oficina de mapas realizados em outubro de 2010 no município de Lábrea

© UEA-Edições – Manaus, 2013

Coordenação do PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Alfredo Wagner Berno de Almeida

NCSA/CESTU/UEA,PPGAS/UFAM

Coordenação de Pesquisa NEPTA

Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PPGAS/UFAM

Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM

Equipe de pesquisa

Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PPGAS/UFAM

Antonio João Castrillon Fernandez PNCSA

Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM

Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS/UFAM

Rancejanio Guimarães NEPTA/PPGAS/UFAM

Apoio técnico

Luciene Pohl Projeto Aldeias

Marcelino Soinka OPAN

Fotografias

Antonio João Castrillon Fernandez PNCSA

Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS/UFAM

Arquivo da Prelazia de Lábrea

Edição

Thereza Cristina Cardoso Menezes NEPTA/PPGAS-UFAM

Willas Dias da Costa NEPTA/PPGAS/UFAM

Ana Carla Bruno INPA/NEPTA/PPGAS/UFAM

Cartografia

Roni Von Cacaís de Lira UFAM

Projeto gráfico e editoração

DESIGN CASA 8

Lista de participantes das Oficinas de mapas:

TI Catitu – Rio Ituxi: Zé Bajaga (coordenador FOCIMP, Apurinã), Sebastião Alves de Souza (Apurinã), Elielson Lima da Silva (MEIL) (Paumari), José Inácio da Silva (FOCIMP, Apurinã), João Baiano (Apurinã); **TI Caititu (Aldeia Tucumã):** Sebastiana Ferreira da Silva (Apurinã), Maria Elza da Silva (Apurinã), Pedro Ferreira da Silva (Apurinã), Cosma da Silva Rocha (Apurinã); **TI Caititu (Aldeia Irmã Creuza):** Rosana Silva Borges (Apurinã); **TI Pedreira do Amazonas – Rio Ituxi:** Wellington Ricardo da Silva (Apurinã), Francisco Ricardo Vicente da Silva (Apurinã); **TI Marahã:** Rosinaldo Ferreira da Silva (Paumari), José Raimundo Noronha (Liderança, Paumari), Ivo Serafim Gomes (Paumari), Cleide Pereira Lopes da Silva (Paumari), Tiago Paumari (Paumari), Orimar Lopes (Paumari), Analberto Alves (Paumari), Alberto Alves (Paumari), Hidelbrando Paumari (Paumari), Alcimar Lopes da Silva (Paumari), Caila Paumari (Paumari); **TI Marahã (Aldeia Morada Nova):** João Araújo (Paumari); **TI Marahã (Aldeia São Clemente):** Rosmarina Farias (Paumari), Carlos Lúcio da Silva (Paumari); **TI Marahã (Aldeia Santa Rita):** Rinildo Lopes da Silva (Paumari); **TI Marahã (Aldeia Estirão):** Alcídio Lopes da Silva (Paumari), Cília Santana de Almeida (AIS) (Paumari), Cecília Santos Lopes (Paumari); **Lábrea – Bairro da Fonte:** Maria Júlia da Silva (Apurinã), Maria Antonia Rodrigues de Lima (Paumari), Edilson Rosário (MEIL) (Paumari), Jaime Ferreira da Silva (Paumari), Lábrea – Vila Falcão: Lídia da Silva Araújo (FOCIMP, Apurinã); **Lábrea – Bairro Nossa Sra. de Fátima:** Antonio Mulato da Silva (FOCIMP, Apurinã); **TI Sepatini (Aldeia Guarani):** Maria do Socorro Nunes da Silva (Apurinã), José Araújo Ricardo da Silva (Apurinã), Maria Emília da Silva (Apurinã); **TI Sepatini (Aldeia Boa Vista):** Raimunda das Dores Dia da Costa (Apurinã); **TI Acimã (Aldeia Morada Nova):** Manuel Brasil Cabral (Apurinã); **TI Jarawara/Jamamadi/Kanamati:** Jacinto Nager (Jarawara), Edmar Luis de Oliveira (Jarawara); **TI Iminã:** Antonio Carlos Lopes (Paumari), Santo Vieira Brasil (Apurinã); **TI São Pedro:** Francisco Marcolino (Liderança, Apurinã), Mateus Marcolino da Silva (Apurinã), Wilson Santana da Silva (Apurinã), Marenilson Santana da Silva (Apurinã), Antonio Brasil da Silva (Apurinã), José Marcolino (Apurinã); **TI Flechal:** Raimundo Ricardo da Silva (Liderança, Apurinã); **TI Três Bocas:** Francisco Ricardo da Silva (Apurinã); **TI Igarapé Grande:** Manuel Ramos da Silva (Apurinã); **TI Tumiã:** Arlindo Lopes de Souza (Apurinã), Inácio Lopes de Souza (Apurinã), Francelina Lopes de Souza (Apurinã); **TI Curriã:** Raimundo Nonato Venâncio (Apurinã), Francisco Vicente da Silva (Apurinã).

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : Povos indígenas do município de Lábrea, AM : lutando por nossas terras / coordenação do projeto Alfredo Wagner Berno de Almeida ; coordenação de pesquisa Ana Carla Bruno, Thereza Cristina Cardoso Menezes. – Manaus : UEA Edições, 2013.

12 p.: il. color.; 25 cm. – Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos; 43

ISBN 978-85-7883-242-1

1. Conflitos sociais. 2. Organizações sociais. 3. Índios – Lábrea (AM). 4. Movimentos sociais. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Bruno, Ana Carla. III. Menezes, Thereza Cristina Cardoso. IV. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

A vida dos indígenas na cidade de Lábrea

“Lá na nossa terra a gente vive melhor, né. Fora da terra a situação não é muito boa não. Na cidade a gente precisa comprar várias coisas. Lá na aldeia a gente não precisa comprar nada. A gente tem boa alimentação, tem tudo lá. Tem bastante animais, porquinhos, tem peixe, tem bicho de casco. Esse trabalho é legal para a gente proteger mais nossa terra, nossos lagos, nossos rios pois essa nossa terra é muito importante para nós.” **Jacinto Jarawara**

“O preconceito aqui (na cidade) a gente encontra mais é dentro da sala de aula, por exemplo o que aconteceu com a minha filha. Ela estudava na Escola Santo Agostinho. Como ela é indígena, as coleguinhas dela quando descobriram que ela é indígena, elas começaram a não brincar mais com ela, não fazer trabalhos de grupo, elas sempre excluía ela. E chamavam de “cabocla velha”, “cabocla fedorenta”...estas coisas. Uma criança com 12 anos escutava isso, ela sentia vergonha e as vezes chegava em casa chorando.” **Maria Antonia Rodrigues de Lima – Paumari**

“Eu fui ensinar um amigo não-indígena como é que falava o nome de alguns objetos na nossa língua, mas a mulher dele não gostou não porque aqui as pessoas pensam que índio é sujo, é fedorento.” **Jaime Paumari**

“Viver na cidade é difícil porque é uma língua diferente, tem que se vestir diferente e se comportar diferente, nós na aldeia fazemos coisas diferentes.” **Edilson Paumari**

“Sempre perguntam: por que os índios vêm para cidade? Eles vêm com sua família para que os filhos tenham uma melhor vida, eles não querem que os filhos tenham uma vida dura de roçado como nós. Ninguém quer ir morar no Bairro da Fonte porque é bairro de índio.” **Maria Júlia da Silva – Apurinã**

“Agora eu tô aqui em Lábrea, na cidade, eu sai de lá da aldeia logo que eu arranjei família devido a essa questão de recurso financeiro, porque a gente mesmo sendo índio a gente já usa roupa, calçados, já usa o terçado, machado, sal, açúcar, óleo, querosene, óleo diesel essas coisas assim. Assim sendo eu não tinha como conseguir nada lá, porque os patrões com a queda do preço da borracha se retiram tudo prá cá prá cidade e a gente teve que acompanhar. A maioria da área dos indígenas de onde eu venho tão tudo aqui na periferia da cidade passando crise com relação ao sentido financeiro. A gente não tinha como viver aqui. O intuito era de arranjar um emprego com o branco, mesmo não tendo nível suficiente de escolaridade. A gente se garantia pela força física ia fazer carreto, trabalhar no grosseiro. Eu falei prá minha esposa: mulher, vamos sair prá cidade, porque lá é lugar de gente rica. Mesmo que a gente não tenha emprego, mas os ricos eles não usam a roupa até terminar, eles usam um certo tempo, lavam e quem sabe podem nos doar. Então, assim nós vamos tocando a vida e tá com uns vinte cinco anos eu cheguei na periferia da cidade de Lábrea. Meus garotos estavam pequenos ainda, não estudavam lá e vieram estudar aqui. Então, eu não



FOTO: WILLAS DIAS DA COSTA

Indígenas na Praça Coronel Lábrea no centro de Lábrea, AM, fevereiro 2012



Rua Mon Senhor Inácio no bairro da Fonte, Lábrea, AM, fevereiro 2012



Mulheres indígenas, entre as décadas de 1910 e 1920



FOTOS: ARQUIVO PRELAZIA DE LÁBREA, AM

Indígenas Janamadi no banho em igarapé, entre as décadas de 1910 e 1920

larem e quando andam, andam com um monte de filho. Na aldeia a gente anda assim quando a gente vai para um roçado ou para uma festa, ou para algum lugar a gente leva todo mundo. Elas (mulheres da cidade) falam 'Que nojo faz essas mulheres que falam na gíria, na língua indígena'."

Maria Antonia Rodrigues de Lima – Paumari

"Eu cheguei aqui em Lábrea quando eu tinha 18 anos e hoje eu vou fazer 47. Meus filhos nasceram aqui na cidade. Viver na cidade é bom para quem tem emprego. De primeiro eu trabalhava fazendo caieira, mariscava e lavava roupa. Para quem não tem saber, não tem estudo e não tem coragem de trabalhar braçal, é difícil. Eu sempre visito meus parentes na Terra Indígena Caititu."

Maria Júlia da Silva – Apurinã

"O maior problema que tem para o estudante indígena quando vem para cidade é não ter lugar onde morar. As vezes ele tem parente em Lábrea, mas a casa do parente já é muito cheia. Outro problema é a falta de recurso, pois o parente não tem um bom emprego."

Jaime Ferreira da Silva – Paumari
Quando eu cheguei em Lábrea quando eu precisava ser atendido em hospitais, eles colocavam dificuldades dizendo que eu era índio desaldeado. Mesmo morando na cidade, eles continuavam não querendo me atender."

tive mais como sair, porque nós colocamos os filhos prá estudar e daí a mulher também tinha um pouco de interesse pela escolaridade das crianças e achou por bem não puxar prá trás. Eu ainda opinei prá nós retornar para a aldeia como os outros que tão lá, mas ela achou melhor ficar e a gente ficou aqui na cidade, mesmo com sofrimento. A gente ficou aqui, sem recursos. Eu como índio trabalhei, enfrentei uma luta desgraçada aqui, só não carreguei pedra e nem quebrei, mas eu carreguei areia, rocei rua no sol quente, limpei valeta, esgotava fossa, cavava fossa e era assim o meu trabalho aqui. Foi duro. Eu tô morando aqui há vinte cinco anos, mas eu não consegui ter uma casa. Se pude construir uma casa aqui na cidade foi com esforço da minha mulher, pedindo uma peça daqui, um alumínio dali com os políticos, prefeitos, vereador. Uma vez fui na FUNAI que me disse que o índio tem que viver com coisas naturais, com casas de palha, casa de ripa de paxiúba e tal, mas aí tá... nem paxiúba nós não temos aqui, palha muito pior, porque nós estamos aqui na periferia da cidade, tudo aqui é praticamente degradado."

Jose Inácio da Silva – Vindo de São Pedro do Baixo Sepatini e atualmente morador da periferia de Lábrea
"Existe bastante preconceito em relação às mulheres indígenas na cidade, pois a gente não anda igual as mulheres que não são indígenas, né. As mulheres indígenas, elas sempre andam mal vestidas, sem sutiã; o jeito delas fa-

A demarcação das Terras Indígenas

“A demarcação da terra indígena São Pedro do Baixo Sepatini que é Apurinã, eu não lembro o ano que foi. Foi no tempo em que ainda existia a antiga organização dos povos indígenas, a OPIMP (Organização dos Povos Indígenas do Médio Purus). Então veio um convite pra que a OPIMP acompanhasse a demarcação e assim sendo a gente fazia parte da diretoria né, eu como secretário fui destacado pra fazer o acompanhamento. Só que deram a data ao contrário. Deram a data e foram antes da data marcada. Aí quando a gente chegou lá, o trabalho já tava feito. Eu fui pra acompanhar a demarcação, eu, como membro da diretoria da organização indígena, com alguém lá da comunidade. Eu pequei dois parentes lá da comunidade e fui com eles, entramos na mata, mas só que eles já tinham anunciado que a demarcação já havia acontecido porque zoava um helicóptero, ia e voltava no final da tarde, passava de manhã e no final da tarde voltava, e parece que já tava com uns três quatro dias que não tinha mais passado o helicóptero. Nós chegamos assim e entramos na mata, nós andamos uma hora e meia de rumo, chegamos no picadão e andamos o picadão de ponta a ponta e daí nós vimos que os castanhais indígenas que eles tiravam o produto deles ficou a maior parte pelo lado de fora. A castanha que é o produto que tem lá para os indígenas, a castanha ficou praticamente quase toda do lado de fora da demarcação. Não tem terra suficiente pro índio caçar, nem retirar produto, porque ele ficou sem nada e agora nas viagens de visita às aldeias, aonde a gente chega a choradeira é essa. Os recursos deles ficou com o branco, que o castanhal ficou todo do lado de fora, ficou com o seringalista. Por exemplo, o pessoal lá do Tumã, os castanhais deles ficaram também tudo do lado de fora, ficou tudo com o seringalista. Os indígenas ficaram com nada, eles estão vivendo é da farinha. Faz rocinha, faz farinha e vende”. Os indígenas ficaram com nada, eles tão vivendo da farinha, faz uma rocinha e faz uma farinhazinha. Os mais novos que trabalham na agricultura, no extrativismo eles tão praticamente de nada, não tem de onde tirar o recurso.” **José Inácio da Silva** – Vindo de São Pedro do Baixo Sepatini e atualmente morador da periferia de Lábrea

“Eu estou aqui na cidade agora, mas anteriormente eu morava lá no Alto Sepatini. Quando eu saí de lá já tinha este serviço de demarcação de terra, mas nós indígenas não participávamos das discussões como estamos fazendo aqui nesta oficina. Quando a antropóloga visitava, ela perguntava para o cacique qual era a Terra Apurinã e o cacique mostrava só a parte do roçado. Então aquela terra que devia ser protegida ficou reduzida a um pequeno lote. Lá não tinha copaíba, sorva, castanha. Lá era um ponto de esperar os regatões, não onde tinha o local dos produtos que utilizamos. Não mostrava onde tinham os locais dos cemitérios e tradicionais.” **José Inácio da Silva** – Apurinã

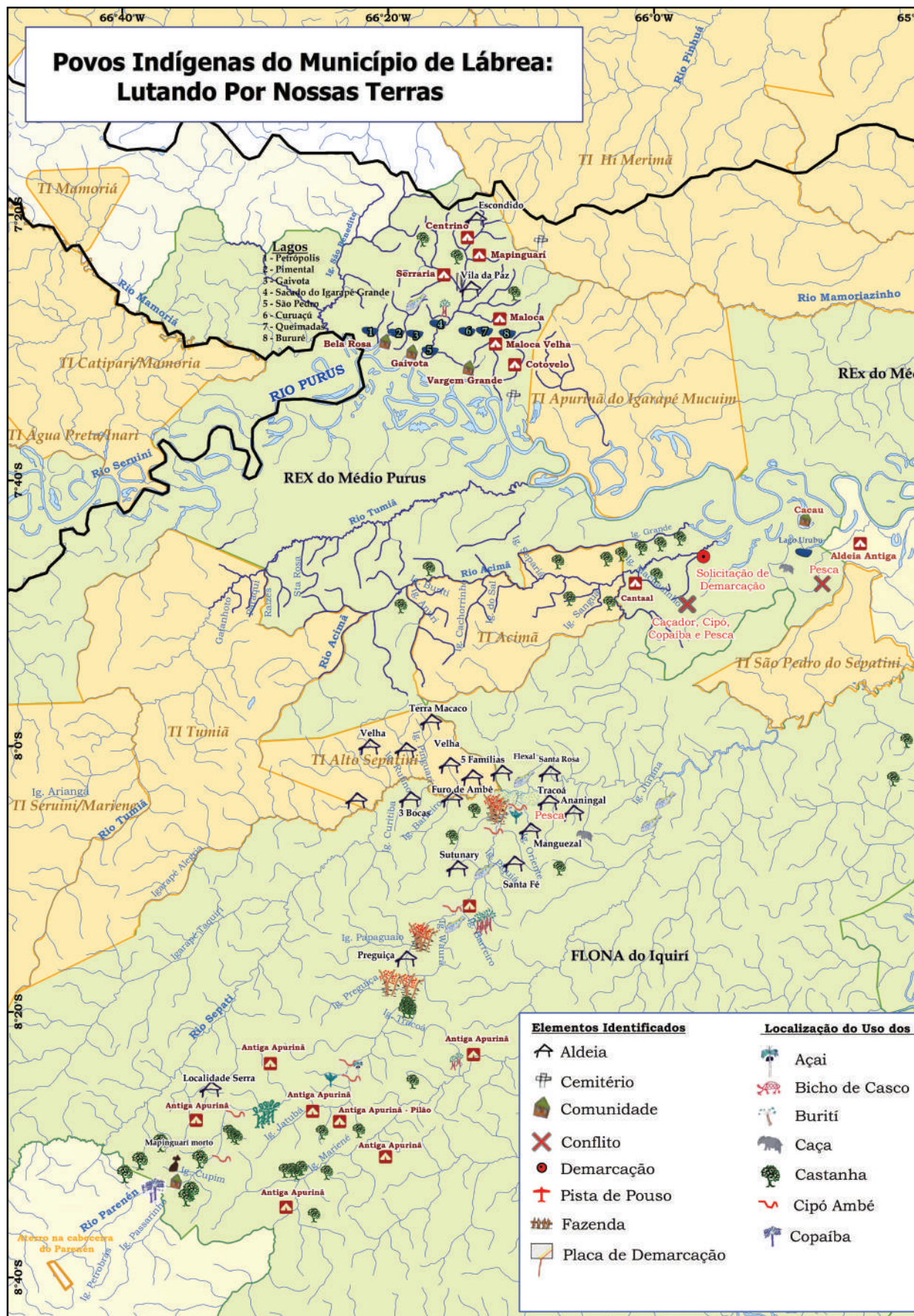
A gente não acompanhou a demarcação de nossa terra. Lá no rio Cainã tem muita gente não-indígena que pesca todo peixe e bicho de casco com espinhel, anzol e malhadeira. Estou querendo saber se o rio Cainã faz parte da nossa terra ou se é do ribeirão que mora lá.” **Jacinto Jarawara**

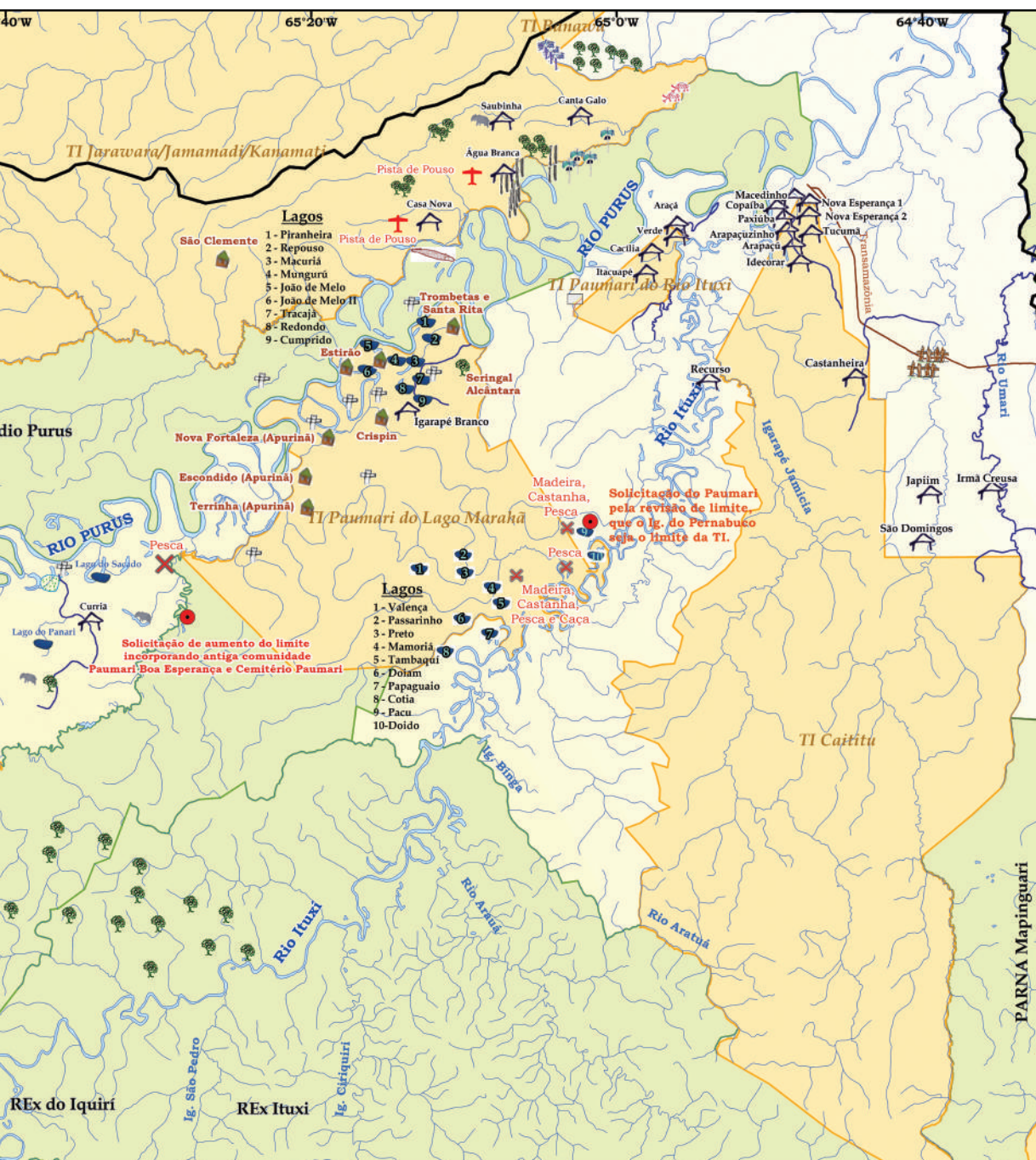
Na Terra Indígena Acimã está tudo bem. Não tem pescador, não tem madeireiro. Lá tem muita queixada, muita anta e muita castanha. Lá na nossa terra foi demarcada certinha, eu acompanhei o processo de demarcação. Nossa terra fica distante daqui 5 dias. O Nosso problema é a saúde. Não tem atendimento, não tem remédio.” **Manuel Brasil Cabral** – Apurinã – TI Acimã



Escola na Terra Indígena Nova Esperança, próxima à sede do município de Lábrea, AM, fevereiro 2012

Povos Indígenas do Município de Lábrea: Lutando Por Nossas Terras





Recursos Naturais

- Madeira
- Pesca
- Patuá
- Pirarucu
- Roçado
- Sova
- Tucumã

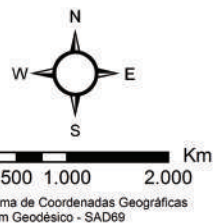
Base Complementar

- Lábrea
- Terra Indígena
- Terra Indígena em Estudo
- Unidade de Conservação
- Rodovias
- Limite Municipal
- Sede Municipal
- Rios Simples
- Rios Duplos

FONTE

Terras Indígenas - FUNAI
Unidades de Conservação, Rodovias e Hidrografia, - MMA
Municípios - IBGE

Localização do município



Pesquisadores: Thereza Menezes, Ana Carla Bruno e Willas Costa
Cartografia: Roni Von Cascais de Lira
Apoio Técnico: Luciene Pohl e Luiz Fernandes de Oliveira Neto

Obs: As informações de localização das estruturas, uso dos recursos naturais e seus conflitos foram levantados em oficina de mapas realizadas entre 2010 e 2011.



Indígenas Apurinã na dança Gigané, entre as décadas de 1910 e 1920

co falou para nossa liderança, pediu para entrar e tirar madeira, eles tiraram muito. Agora quando a demarcação chegou na nossa terra, aí não entra tanto para tirar madeira. Só assim no rio mesmo, no rio Cainã que é invadido, o pescador entra e tira bicho de casco, peixe grande chamado pirarucu. Não é para ele comer, mas para vender. No lago Buritirana que fica dentro da nossa terra é que eles tentam entrar e pescar pirarucu. É difícil vigiar a nossa terra porque a gente não fica perto dos limites, mas longe.” **Jacinto Jarawara**

A oficina e o trabalho de mapeamento

“Agora a gente tem voz, podemos conversar com a FUNAI e outras organizações porque também eles vêem que a gente está incentivando nossos próprios parentes, pois se quer incentivar o uso da nossa língua e cerimônias. Este trabalho do mapeamento vai ajudar as pessoas entenderem o que os indígenas na cidade passam e como os indígenas das aldeias vivem, suas dificuldades.” **Edilson Paumari**

“Eu acho este trabalho importante porque se tiver o processo de ampliação das terras, os indígenas vão dizer certo até onde vai a caçada, até onde é que ele vai extrair o produto (castanha, copaíba, seringa). Por isso é válido esse trabalho da cartografia, pois os parentes estão mostrando onde é o limite de suas terras e onde ele tira os recursos para seu mantimento. O quanto ele não teve o privilégio de participar quando houve o processo de demarcação. Ele só escutava de casa o barulho do helicóptero e da motosserra. Pois se a gente escuta o barulho da motosserra, a gente vê que não é tão longe. Teve lugar que eles ouviam o barulho da motosserra, então isso mostra que essa área não tem quantidade suficiente para o índio caçar e extrair o produto.” **José Inácio da Silva – Apurinã**

“Este fascículo é importante para a gente se mostrar e mostrar que tem índio aqui na cidade.” **Maria Júlia da Silva – Apurinã**

“Este trabalho vai ajudar as pessoas entender o que os indígenas na cidade passam e como os indígenas das aldeias vivem, suas dificuldades.” **Edilson Paumari**

“Minha área é muito pequena por isso eu me preocupo pelo meu povo devido o pouco espaço que tem para pescar e caçar. Como também pelo pouco produto que tem na área que foi demarcada para nós na área Iminaã que não é suficiente para nós. Além disso, temos muitos problemas como caçadores, madeiros e pessoas que vão tirar castanha e coletar bicho de casco como tracajá. É muito preocupante para nós, pois o índio vai buscar caça, pesca e açaí longe. Esse mapeamento é importante para a gente analisar bem direitinho como nossas terras ficam no mapa e mostrar que produtos tem na nossa área.”

Antonio Carlos Lopes – Paumari

“Quando eu era pequeno, a gente não sabia de nada. Antes da demarcação, o bran-



Oficina de mapas em Lábrea, outubro 2010

Educação nas aldeias

“A falta de ensino médio nas aldeias, isso é um problema muito sério, pois os estudantes indígenas que fazem ensino médio na cidade ficam perdido e sem apoio. Mas mesmo morando na cidade continuamos sendo indígenas.” **Edilson Paumari**

“Já tenho netos. Então quando um deles chegou aqui já tinha uns oito ou nove anos, então a gente matriculou ele e ficou estudando. Só que ele como criança como adolescente não interessou nos estudos. Ele desistiu fez a oitava e desistiu. Depois eu dei um castigo a ele. Nós fomos prá a aldeia, botei três latas de castanha na costa dele e disse prá ele: olha a vida aqui na mata, na roça é assim! Nós voltamos, chegamos aqui e ele mesmo se matriculou e fez o primeiro ano. Agora ele fez a faculdade, não sei de prática, não sei como é de odontologia né, agora ele é prático, agora ele pode extrair dente e fazer limpeza. Então é assim a nossa vida aqui e vida de outros parentes não é diferente de mim.” **José Inácio da Silva** – São Pedro do Baixo Sepatini

A invasão das terras indígenas

“O problema maior é causado por falta de conhecimento da legislação, porque os índios não tem esse conhecimento dos seus direitos com relação à lei, terra. Então assim sendo, chega o invasor, um dos próprios parentes da cidade, quando ele chega numa área demarcada ele vai e diz que também tem direito, mas ele chega lá como invasor. Ele não é de lá, ele só retira o produto e volta, então é um problema aquilo lá. O parente muitas vezes deixa ele entrar e sair com o produto por não ter o conhecimento dos direitos dele que ele pudesse apreender aquele produto, proibir a entrada do parente que vem só esgotar o produto natural da terra dele. Inclusive leva até pessoas não índias prá ajudar a retirar o produto de lá, como no caso da madeira, da própria copaíba. Este é o fator principal dos problemas do índio que tá lá na terra.” **José Inácio da Silva** – São Pedro do Baixo Sepatini

Resex e Terra Indígena

“Agora recentemente foi criada a RESEX (Resex Médio Purus). Eu fiz parte também da criação da RESEX opinando. Ajudei a opinar e fui favorável a criar essa RESEX. Mas agora estão criando polêmica com os indígenas e dizendo que o indígena só tem direito na terra delimitada. Mas o índio ele ficou naquela terra delimitada por falta de conhecimento da legislação. A lei da constituição diz que a terra é tradicionalmente ocupada pelo índio. Agora passou esse órgão do governo (ICMBio) e implantaram a RESEX que quer frear o índio. Tá tendo uma polêmica com relação o índio e o não



Escola na Terra indígena Nova Esperança, Lábrea, fevereiro 2012



Indígenas na construção de croquis durante Oficina de Mapas em Lábrea, outubro 2010



Indígenas mostrando no croquis áreas de conflitos nas Terras Indígenas, outubro 2010

FOTOS: ANTONIO JOÃO CASTRILLON FERNANDEZ

São Pedro do Baixo Sepatini

A criminalização ambiental dos indígenas

temos problemas.” José Inácio da Silva – Apurinã

ver canoa e ver toda nossas coisas?." Tiago Paumari

coisa dentro do saco.” José Marcolino – Apurinã

pegar lá e que esse era o trabalho dele. Então eu pensei assim que se podia sugerir era que cada in-



Indígenas na eleição das reivindicações durante a oficina de mapas em Lábrea, AM, outubro 2010

Croquis produzidos pelos indígenas do município de Lábrea, AM, referente à TI Paumari do Lado Marahã outubro 2010

São Pedro do Baixo Sepatini

Problemas e Dificuldades:

- Dificuldade de transporte (escolar e para escoamento da produção)
- Retirada Ilegal de Madeira
- Invasão de não indígenas em terras indígenas
- Invasão de caçadores, pescadores e extrativistas em terra indígenas
- Invasão e cercamento de Terras Indígenas por fazendeiros
- Falta de posto de saúde e escola nas aldeias causando fuga para cidade
- Falta de capacitação dos professores, agentes de saúde e tradutores indígenas
- Lixão de Lábrea leva poluição para TI Caititu
- Redução da caça e recursos naturais como castanha e copaíba (TI Sepatini)
- Bebida alcoólica nas aldeias
- Conflitos pelo uso dos castanhais
- Invasão de barco de pesca
- Demarcação das terras indígenas foi feita de forma inadequada para garantir uma vida digna
- Sobreposição de RESEX nas terras indígenas (TI Pedreira do Amazonas – Resex Ituxi)
- Abuso de poder pela fiscalização ambiental do ICMBio
- Impedimento do acesso ao uso dos recursos naturais

Reivindicações

- Apoio para manutenção das línguas indígenas
- Posto de saúde
- Radiofonia
- Ensino Fundamental completo e Ensino Médio nas escolas
- Demarcação das terras indígenas
- Revisão dos limites de algumas terras indígenas
- Formação técnica em Saúde e Educação para os indígenas
- Construção e aparelhamento das escolas
- Transporte para o deslocamento de doentes das aldeias
- Curso de informática e formação de lideranças
- Apoio para projetos de sustentabilidade econômica
- Formação de agentes ambientais indígena

CONTATO

FOCIMP – Federação das Organizações e Comunidades Indígenas do Médio Purus
Rua João Bosco de Lima Bairro da Fonte
69830-000 Lábrea AM
telefone 97. 9153-9482
focimp@yahoo.com.br

Coordenador Executivo
José Raimundo Pereira Lima (Zé Bajaga Apurinã)

Vice Coordenadora
Evaldo Mariano da Costa Paumari

1º Secretário: **Josué Batista da Silva**

2º Secretária: **Rônia Lima da Silva Apurinã**

1º Tesoureiro: **José Inácio da Silva**

2º Tesoureiro: **Rosana Silva Borge Apurinã**

Conselho Fiscal

Antônio Mulato da Silva Apurinã

Maria Antônia Rodrigues de Lima

Joel Moraes da Silva

Jaime Francelino Rafael Apurinã

Coordenadores Regionais

Tapauá: **Valdimiro Farias da Silva Apurinã**

Canutama: **Ana Maria Camilo da Silva**

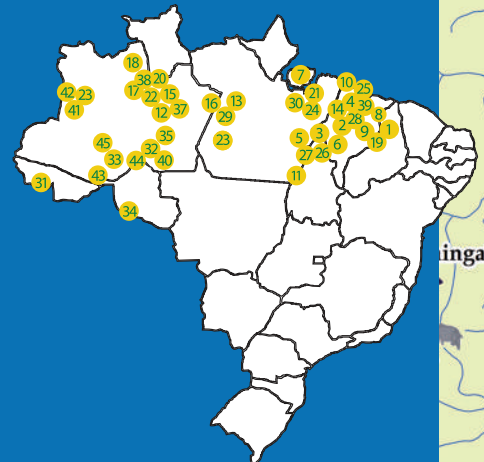
Lábrea: **Antônio Carlos Lopes da Silva Paumari**

Pauini: **Valdeci Muniz Inácio Jamamadi**

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

SÉRIE: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú – Novo Airão, AM
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, AM
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá – Barcelos, AM
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, AM
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, AM
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, AM
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, AM
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim, Pará
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Alcântara, MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciríaco, TO
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio, TO
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, MA
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém, PA
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, AC
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, agricultores(as), quebradeiras de coco, pescadores do território de Formoso – Penalva, MA
- 37 Pescadores(as), agricultores (as) do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus
- 38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus
- 39 Quilombolas de Monte Alegre – Médio Mearim, MA
- 40 Associação Indígena do Povo Pirahã do Amazonas
- 41 Movimento Kokama em São Paulo de Olivença, AM
- 42 Organização Kaixana Santo Antonio do Iça, AM
- 43 Povos Indígenas do Município de Lábrea, Amazonas
- 44 Povos Indígenas de Canutama, AM
- 45 Terras Indígenas de Tapauá, AM



REALIZAÇÃO



APOIO



ISBN 978-85-7883-242-1



9 788578 832421